COLÉGIO

EDUARDA CHIOTE

Ana Maria saíu do colégio pela simples razão de não poder ficar. A única coisa que Ana levou com Ana foi Ana. Na dor da mudança, lineares e tristes, mais longos que a saudade de Tereza, os dias. E assim sem viço, sem frescura, Ana se descuidava o dia inteiro e lesta amodorrava o braseiro da pele enquanto arrumava, engomava, lavava, cozinhava, limpava, na casa que a rigor a tomara a seu serviço — o corpo perdido na farda, ínfimo, pequeníssimo; a crista branca sobre os cabelos rasteiros —.

De vez em quando, porém, o galgo que se lhe escondia na espinha empinava-se desmedido; a punhalada erecta fazia-lhe levantar da casa de banho que esfregava os tensos rins e olhar com brilho. Porque, quando o cio lhe despedaçava a cisterna arquejante e o covil de ossos se lhe desarticulava, Ana, na impossibilidade de atacar veados, mastigava pombas. Bastava-lhe, pois, estender o braço para o desentupidor de canos, aspirar os seios, para que todo o leite de éguas sobre si se derramasse.

Meses, anos depois, falará ao homem. Dirá: "Passou-se." "Eis a marca." . Mostrar-lhe-á, ocultos sob a carne, cavalos, águias, panteras. Unhas de hera florida. Explicará o grau. A hierarquia consolidada em cada objecto. Nenhum acreditará.

Ana cobrir-se-á de água gelada não pelo que fez mas por não ter quem a escute. Quem entenda. Já que gosta de contar como mãe das notas do filho; da sua coragem, inteligência.

Não só homens. Criaditas que vai encontrando pela drogaria. Pela praça. Essas precisam rapazes: amantes, amigos, namorados. Pensam que as carícias fazem mal. Num derradeiro esforço tenta fazer-se compreender. Confessa-lhes com precaução, como quem se move entre o vim e o ajax, as pequeninas coisas familiares, que lhe basta ler um capricho. Uma fotonovela. Que é, foi sempre assim perseguida por amor desmedido. Mas elas nada percebem das almofadas e tapetes do seu corpo; pelo contrário, troçam, assustam-se. Fogem dela como de cadáver.

Por isso, não voltará para recolher a roupa que deixou a secar. Nem ao bairro nem à casa onde guarda um desentupidor para uma emergência.
Ficará com Fátima.

Fátima, a amigada. Fátima, a que se não dará ao trabalho de assustar ou não assustar. Duvidar ou acreditar. Fátima, a que necessita alguém que lhe cuide do filho enquanto vai a dias. A que adormece entre o amante e o miúdo e deixa que Ana se lhes enrole aos pés. Fátima: "Maria, não sejas parva, não te deixes engravidar."

Ana Maria esteve no hospital durante muito, muito tempo.

Não chegou a conhecer mãe. Só no caixão. Ficou sempre com a impressão de que não tinha costas: apenas uma bechiga esvaziada na barriga; ancas, pernas de magreza insuportável.

Deve ter estado no hospital até lhe nascerem os primeiros dentes.

Quando o pai os abandonou, a avó tomou conta dela até conseguir metê-la no colégio.

Colégio! Ana gosta de contar assim. Como de pensar que um belo dia, com a liberdade de um pássaro, a mãe se pôs a andar deixando os filhos ao saltar de um ramo para outro.

É fraca. O peito, engastado em osso, lembra anel a que saltou a pedra. A paralesia infantil comeu-lhe a barriga da perna esquerda; chupou o joelho até à rótula. Mas, em compensação, possue voz de papoila: desenterra recordações como quem apanha o fresco pelo calado da noite.

Nunca viu um desses livros onde se mostram abelhas a depositar polén em flores ou ensina que os bébés nascem de uma semente que o papá planta na barriga da mãe. Não tinha ainda seis anos e obtinha uma satisfação tão completa como a de hoje. Foi o padre quem lhe deu ideias ao perguntar se fazia com um pau. "Um pau?" "Um pau?" Ana foi direita aos balneários. Gozou com tal avidez que durante dias urinou sangue sem parar. Depressa aprendeu; dominada a sofreguidão, a febre. Enfiada na cama, de costas, iniciava um trabalho paciente, habilidoso, de tal rigor "que as pombas varavam as crinas da escova de dentes para vir morrer, ali. Entre os lençóis." O verdadeiro prazer, o dos dedos que espremia amassada em suores atrás da porta, na retrete, no quarto, no refeitório; esse, descobrira-o sem auxílio. Porque, embora ninguém o soubesse, se Ana Maria não era, não nasceu, tornou-se assim: alimento de si mesma, explosão deslumbrante de delícias, sabor a xarope, mel; languidez de rebuçado que derrete.

Descobriu uma a beijar outra na boca. Sentiu que não estava só. Foi procurá-la para amiga. Cuspiram na palma da mão. Talharam em quatro: "Cruz de pau, cruz de ferro, quem dá e tira para o inferno gira," juraram unindo as bocas numa cumplicidade tão inviolável que os olhos se lhes encheram de lágrimas.

Se agora, quatorze anos mais tarde, tivesse de responder ao questionário Schilder, diria "Não". Jamais vira qualquer ou alguma outra parte do corpo de seu pai.

Como pôde sentir-se então igual a ele no ódio a Tereza, Tereza sua mãe de barro a quen olhou as pernas onde a carne comeu a própria carne como a sua ao joelho que arrastava, cloc, cloc, cloc, para assustar as aves?"

Tereza inocente. Com menos três anos que ela que completara os onze. Ana ensinou-a a brincar. Juntas aprenderam a deitarem-se uma por cima da outra. A beijarem-se a sério. A chuparem os mamilos que sabiam a vento.

Apesar disso, quando perdeu a escova, chorou inconsolável.

Nada sabiam de menstruação. As que a tinham, escondiam o defeito às outras. Rapavam-se. Ninguém queria nada com uma bruxa menstruada.

Quando a dor quente se transformou em borra pastosa, Ana deu-se conta da sua desgraça. Sentiu que se transformava em lobo. Tereza procurou-a. Mas a luz dos seus olhos, em excesso falsa, fez-lhe mal. Teve medo. Vergonha como de um homem da querida, meiga Tereza.

Marcou encontro na rua. Esperou-o perto das fontaínhas. Mal lhe deu tempo de entrar no carro. Rebentou-lhe os peitos, a perna murcha: "Gosto de ti mesmo coxa, sou solteiro não lhe ligo. Vivo com ela porque lhe fiz um filho."

Ana chorou. Chorou o homem que conhecia pela primeira vez. Contou, a soluçar, um a um, todos os seus vícios: o bombear dos seios, a aljava de setas florida pelo uso.

Na sua inutilidade de macho atacou-o até lhe escoar água e azeite. Ana doeu-se. Não sentiu prazer. Nenhum prazer. Apenas um fio de abelhas a escorrer pela vagina: dor cortante, de cadela que copula sem poder separar-se.

Muito antes de partir para Lisboa, quebrou-se a pele da clépsidra: "Maria, não sejas parva. Não te deixes engravidar."

— Que é amor, morte, ciúme?
— Que pensas tu disso, Tereza, Fátima, Ana Maria?
— Quem foram teus primeiros amigos?
— Que é amor? — De quem pensas poder enamorar-te? — Enamoras-te muito Ana Maria?
— Como reages se descobres logro, engano da parte da pessoa que escolheste para amar?
— Que pensas do onanismo? — Incomoda-te a morte? — Achas alguma relação entre amor e morte, Ana Maria?
"Acaso sabes se os alemães a quem serves agora, falam nas tuas costas "auschubferiode" de um tempo em que nem alívio nem repouso conheceste, Ana Maria?

Diz
ao que te vai retalhar pelo calado da noite como a tua voz agora lívida que só sentiste horror em toda a vida quando o fogo gelou. E olhaste Tereza com vergonha tanta como de um homem. Que foste, sim, o menino de Tereza tua mãe. Tua única mãe disputada à inocência. E à cólera. Que o rival foi esse asilo a que a tua solidão aprendeu a chamar de colégio baixinho: "Lembras-te da cabeça de Tereza? Rapada? De Tereza posta a pão e água ao ser-lhe encontrado o doce bilhetinho?" Alguma vez, pelo Natal, recitaram Sóflocles, enquanto pelas marés, os corpos naufragados dos anjos incendiavam currais, Maria, ó Maria pequenina?"

Ana foi defecada. Retirada do ventre da mãe pelo umbigo. Parida de rato. Mas nasceu perfeita; quase perfeita; coxa só de uma perna. Mesmo assim apaixonou-se.

Confessou os pecados. Prometeu não mais servir-se do bucal do telefone. Deitar ao Tejo todos os desentupidores do mundo. Lavar a boca com uma escova de arame.
Mas, António, de Lisboa, fez como depois fizeram todos os outros: ateou a labareda e sem piedade a uniu à decepção submissa de Ana, para depois a abandonar, de costas, entre um montão de tábuas e de pedras. Num princípio de cinzas. De remorsos. •